

UM EPIGRAMA DE NICOLAS BOURBON

Prof. Dr. Francisco de Assis Florêncio - UERJ

Resumo:

Abordagem do gênero epigramático e suas repercussões no Renascimento. Apresentação da vida e da obra do humanista Nicolas Bourbon, bem como a influência do texto catuliano no seu epigrama, o que se verifica principalmente pela presença de citações e centões oriundos do autor clássico.

Palavras-chave: Epigrama, Bourbon, Catulo.

O presente ensaio pretende analisar um epigrama de temática amorosa, do célebre humanista Nicolas Bourbon. Apresentaremos inicialmente um panorama sobre o gênero de poesia conhecido como epigrama, destacando sua variedade temática, suas fontes clássicas e sua influência e presença no Renascimento. Em seguida falaremos sobre a vida e a obra do poeta francês. A conclusão se dará com o cotejo do referido epigrama com um poema de Catulo, constatando-se, assim, o trabalho de imitação realizado pelo vate renascentista. Vale lembrar que a imitação, ao lado da tradução e da emulação, era um dos principais pilares do Renascimento, conforme testemunho do professor Highet: “Either the modern author decides that he can write poems in Latin which are as good as those of Vergil and his other models;...”¹. Além disso, com base no estudo de Afonso Romana de Santana², constatamos que Bourbon se apropria do texto clássico e, a partir dele, não escreve um novo texto, mas “apenas articula, agrupa, faz bricolagem do texto de Catulo”³.

OGÊNERO EPIGRAMÁTICO

Este gênero, quanto à forma, é mais bem definido como um poema curto que originalmente servia como uma epígrafe. Ele não é, na sua origem, um poema satírico, embora o exemplo do satirista romano Marcial tenha feito bastante sucesso durante a Renascença. Nessa época, na composição deste tipo de gênero, empregava-se, na grande maioria dos casos, o dístico elegíaco. A brevidade do epigrama encorajava a leveza e a superficialidade uniforme de tom e tema, razão pela qual, na França, ele ficou conhecido pelos nomes de *nugae* ou *ludi*. O sucesso no Renascimento deste tipo de composição se deve a vários fatores: uma acumulativa tradição literária; o hábito dos humanistas de escreverem uns aos outros mais ou menos de improviso e com grande solenidade; para adornar as páginas iniciais dos livros dos colegas com versos laudativos; o aumento de composições em versos latinos nas escolas; a busca por mecenas e questões políticas e religiosas.

Durante a Renascença, muitos subgêneros germinaram dentro do epigrama. Dentre eles, o que mais se destacou foi o epitáfio. Este podia ser “genuíno”

ou humorístico, podia ainda remontar a uma tradição satírica, anedótica ou didática. Há várias formas de o narrador de um epigrama se apresentar: como um poeta; como uma doença que se dirige ao viajante ou aos membros de uma família; como uma figura mitológica ou em forma de diálogo.

O POETA

Nicolas Bourbon (1503-1551) nasceu em Vandoeuvre e, já com quatorze anos, sob os olhares atentos do pai, era um excelente versificador. Em 1520 ele foi estudar em Paris, onde foi discípulo de mestres renomados como Toussaint. Ali aprendeu grego e teve pela primeira vez contato com correntes evangélicas. Depois de formado, ensinou em vários lugares, especialmente Troyes, tornando-se, mais tarde, tutor de Jeanne d'Albret. Sua poesia apresenta influências de antologias gregas e do humanismo italiano, em especial, Petrarca. Suas *Nugae*, publicadas pela primeira vez em 1533, trouxeram-lhe tão grandes “dores de cabeça” com a Universidade de Sorbonne que ele terminou na prisão. A liberdade só veio depois que o poeta, em condições humilhantes, retratou-se. Esteve na Inglaterra por um certo tempo, onde se tornou tutor dos filhos de um nobre da corte de Anne Boleyn. Por volta de 1530, mantinha estreitas relações com o Lyon *sodalitium* e, em 1538, publicou o segundo volume de *Nugae*, que falam sobre o seu *modus vivendi* na Inglaterra e são bem comedidas no que concerne a questões religiosas. Bourbon publicou também trabalhos de cunho pedagógico, os quais infelizmente não alcançaram a posteridade. Grato pela proteção de Marguerite de Navarre, compôs um *epithalamium* para celebrar o seu segundo casamento. Foi bem sucedido também no campo da poesia amorosa, satírica e religiosa.

Vejamos o epigrama que dá título a este artigo:

Carmen

Mortuus in parva est inventus pyxide passer,¹

*Passer, amor pulchrae delictumque Rosae.
Longe aliter perit, quam quem tua Lesbia deflet,
Lesbia, pars animae, docte Catulle, tuae.
Non hunc esuries, non hunc sitis Arida pressit,⁵
Insidiae nullae, nullus acerbus odor.
Cum desiderio, nimioque arderet amore
Absentis dominae, tabuit et perit.⁸*
NICOLAUS BORBONIUS.

TRADUÇÃO

Poema

Foi encontrado morto em sua pequena gaiola o pássaro; pássaro, paixão e prazer da minha bela Rosa. Morreu de modo diferente daquele por quem tua Lésbia chora; Lésbia, parte da tua alma, ó douto Catulo. Não o abateu a fome, nem a árida sede, nem armadilhas, nem um cheiro forte. Mas, como ardesse de desejo e de um grande amor por sua dona que se encontrava ausente, definhou e morreu.

Como este poema teve como fonte de inspiração os primeiros e o último verso do *carmen* III de Catulo, achamos por bem transcrever os versos do célebre poeta latino:

*Lugete, o Veneres Cupidinesque,
Et quantumst hominum venustiorum
Passer mortuus est meae puellae,
Passer, deliciae meae puellae,
(...)
Flendo turgiduli rubent*

COMENTÁRIOS

Conforme podemos constatar, a poesia de Bourbon é composta à moda de um epítáfio em honra de pequenos animais, seguindo, assim, o modelo catuliano no *carmen* III. Como se pode perceber, o primeiro verso de Bourbon foi baseado quase que *ipsis litteris* no terceiro verso do texto original, transcrevendo deste o sintagma *mortuus ... est e passer*.

Na passagem do primeiro para o segundo verso também merece destaque o emprego da anáfora *passer... passer*, mesma figura presente nos versos três e quatro do texto original. Ao empregar *delicium*, o poeta neocatuliano, embora continue a sua imitação, prefere uma forma mais rara que simplesmente *deliciae*. Este vocábulo, mais antigo que o primeiro, só existe no plural e é oriundo, assim como *delicium*, do radical *lac-*, “engano”, “ardil”.

Se até o segundo verso há apenas reminiscências e transcrições do texto clássico, a partir do terceiro verso, o poeta, ao dizer que o passarinho de sua amada, Rosa, morreu por motivos distintos aos da amada de Catulo, faz uma citação direta de seu nome: Lésbia. Ainda neste verso, deve-se ressaltar o verbo *deflet*, que faz alusão ao último verso do texto original, que diz que os olhos de Lésbia estavam vermelhos de tanto ela chorar. Aqui, enquanto o autor clássico emprega a forma simples *flere*, “chorar”, o humanista emprega uma forma composta, *deflere*, que, graças à presença do preverbo *de*, denota um choro mais intenso, mais copioso, ou seja, “chorar abundantemente”.

Se já não bastasse a citação do nome da amada, aparece, enfim, no quarto verso, o nome do poeta que inspirou o humanista: Catulo.

Se já não bastasse a citação do nome da amada, aparece, enfim, no quarto verso, o nome do poeta que inspirou o humanista: Catulo.

A partir do quinto e sexto versos, o humanista começa a enumerar uma série de coisas que poderiam ter levado a ave à morte. Porém, diferentemente do poeta de Verona, que não revela a causa da morte do passarinho da amada, o humanista deixa claro que não foi nenhuma causa física que levou a ave a óbito e sim a tristeza que a tomou depois que se viu afastada do objeto amado.

Bibliografia

- CARRÉ, G. *De vita et scriptis Nicolai Borbonii Vandoperani*. Paris, 1888.
CATULLUS. *The poems of Gaius Valerius Catullus*. Translated by F. W. Cornish. London, Loeb Classical Library, 1995.
CATULO. *Poesias*. Traducción, introducción y notas de Antonio Ramírez de Verger. Madrid, Alianza Editorial, 1994.
HIGHET, Gilbert. *THE CLASSICAL TRADITION: Greek and Roman influences on Western Literature*. London: Oxford University Press, 1967.
I.D. McFarlane. *Renaissance Latin Poetry*. London, Manchester University Press, 1980.
LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A latin dictionary*. London: Oxford University Press, 1996.
SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & CIA*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

Notas

¹ HIGHET, Gilbert. *THE CLASSICAL TRADITION: Greek and Roman influences on Western Literature*. London: Oxford University Press, 1967.

² SANT’ANNA, Affonso Romano de. *PARÓDIA, PARÁFRASE & CIA*. São Paulo: Editora Ática, 2003.

³ Idem, *ibidem*, p. 46.